

# PERÍMETROS URBANOS, PARÂMETROS RACISTAS: CONCEIÇÃO EVARISTO NO MAPA DA LITERATURA BELO- HORIZONTINA

VILARINO, Júnior<sup>1</sup>

**RESUMO:** Considerando-se o critério da *diversidade*, adotado por Jacyntho Lins Brandão ao selecionar os artigos constitutivos da obra *Literatura Mineira: Trezentos anos*, o objetivo inicial deste artigo é mapear, no escopo dessa seleção, uma geografia cultural da diferença, a qual garantiu a contemplação crítica e histórica de escritas periféricas, entre as quais a de Conceição Evaristo. Destacam-se diferentes leituras, efetuadas por alguns artigos, da pertença dessa autora à literatura mineira. Posteriormente, a análise da presença de Evaristo no volume *Literatura Mineira: Trezentos anos* será ensejo para que se retome o romance *Becos da Memória* (narrativa e paratexto imagético) e se evidenciem entraves sociais e estímulos culturais ao letramento literário de Maria-Nova, narradora-personagem, no espaço da favela. Espera-se demonstrar que, a despeito da ausência de referentes espaciais explícitos, esse letramento revela o incitamento sistêmico de negros à periferia, aludindo, a um só tempo, à apartação urbana e educacional dos favelados na cidade de Belo Horizonte e à segregação literária imposta aos discursos desses cidadãos no âmbito da literatura mineira. O despertar de Maria-Nova para a literatura, malgrado a precariedade de condições para seu letramento, combinaria fatores propícios e adversos, fazendo da favela um espaço heterotópico, caracterizado por um processo de abertura-fechamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conceição Evaristo, Literatura Mineira, Literatura Brasileira, Espaço Literário, Heterotopia.

## Considerações iniciais

O conceito de heterotopia de Michel Foucault (2013, p. 24) postula a possibilidade de os espaços serem transgredidos em suas condições de produção do discurso, uma vez que são potencialmente abertos a funcionalidades não previstas pelos fins a que se destinam: “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis.” Há heterotopias mais abertas e outras mais fechadas, em razão dos níveis de voluntariedade dos sujeitos que as habitam. A dialética abertura-fechamento é um dos princípios de heterotopias mais reclusas, nas quais o sujeito entra

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de Literatura Francesa do Departamento de Letras (UFV). E-mail: [jrvilarino@ufv.br](mailto:jrvilarino@ufv.br)  
*Gláuks: Revista de Letras e Artes- jul-dez,2022-ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 3*

compulsoriamente: “As heterotopias possuem sempre um sistema de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante.” (FOUCAULT, 2013, p. 26). O autor menciona as prisões para ilustrar esse tipo de espaço heterotópico. Nesse sentido, pode-se também considerar o espaço da favela concernente ao romance *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, pela dialética heterotópica da abertura-fechamento? E, ainda, de que modo se combinam fatores propícios e adversos ao despertar da narradora-personagem – Maria-Nova – para a literatura, a despeito da precariedade de condições de letramento erudito? Essas questões se desdobraram de nosso interesse inicial em investigar a recepção da obra de Evaristo no compêndio *Literatura Mineira: Trezentos anos*. Assim, inicialmente, i. afigurou-se relevante compreender como uma geografia cultural da diferença resultaria do foco na *diversidade*, direcionando a seleção de Jacyntho Lins Brandão nos artigos constitutivos do volume publicado; ii. pareceu pertinente entender como essa perspectiva garantiu a contemplação crítica e histórica de literaturas periféricas, entre as quais a de Conceição Evaristo; iii. em que sentido a própria obra da romancista mineira – que abunda em questões relativas ao letramento literário dos favelados e à exclusão dos negros da literatura erudita –, poderia ser resgatada, e justamente no contexto da publicação de um volume tão relevante sobre a história da literatura de Minas. Logo, no romance *Becos da Memória*, o incitamento de sujeitos negros à periferia não apenas da urbe, mas igualmente da literatura, aludiria, a um só tempo, à exclusão urbana e educacional dos favelados na cidade de Belo Horizonte e à segregação literária imposta aos discursos dessa parcela populacional no âmbito da literatura mineira.

### **O recorte da “diversidade” no corpus da obra *Literatura Mineira: Trezentos anos***

Jacyntho Lins Brandão, organizador desse compêndio de crítica e memória literárias comemorativo aos trezentos anos da criação da capitania de Minas, elege a diversidade como princípio norteador da seleção dos artigos, precisando não se tratar de pesquisa com viés historiográfico. Reivindica-se, em oposição à noção de amostra, a de mostra, isto é, um elenco de artigos dedicados a textos e autores representativos dos fazeres literários mineiros, desde os primórdios do território. O que se depreende da justificativa metodológica de Brandão é que o foco na diversidade advém do exercício de um olhar que perfaz um giro amplo pelo território; isto é, não apenas restrito aos antros centralizados por práticas sociais e expressões literárias ali

surgidas, nobilitados pelos discursos patrimonialistas oficiais que os teriam inscrito, posteriormente, em seletos grupo patrimonial: “cabe escolher na herança o que é digno de nossa humanidade, recusando o que há nela de negativo.” (BRANDÃO, 2019, p. 13). Se, como sugere Brandão, determinada cultura patrimonial legitima espaços urbanos como representativos, a legitimação da cultura literária também seria, simultaneamente, uma construção histórica e historiográfica, lugar onde se erige o edifício da memória literária em sua monumentalidade, do qual uma das expressões é o cânone. A legitimidade e representatividade são, na visão de Brandão, produto de uma cultura de atribuição de dignidades. Então, se a história do progresso em Minas é a da produção de urbes cuja arquitetura testemunha o processo civilizatório, um olhar em derredor problematizaria a história evolutiva do progresso na capitania de Minas. Nesse sentido, sugerimos que Brandão (2019, p. 13) pratica “o olhar do anjo” de Walter Benjamin, além de evocar uma voz em que se ouve o acento da criticidade presente na lírica cidadina de Caetano Veloso, problematizando os grandes feitos da atividade mineradora e a diversidade econômica originárias do estado, “que ergueram coisas belas, como Ouro Preto, Congonhas, Diamantina e a Pampulha, mais tantos outros locais espalhados por todo o estado (...)” Brandão (2019, p. 13).

Com esse primeiro giro, portanto, o olhar descentraliza-se geograficamente para que, em seguida, se deixe impressionar pela contradição constitutiva do processo de construção dos marcos civilizacionais, de uma atividade que representou, igualmente, um “fator de degradação do meio ambiente, de injustiças sociais e de vivo sofrimento.” (BRANDÃO, 2019, p. 13). Após remontar ao período em que o território integrava a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, e àquele em que a região foi apartada de São Paulo, Brandão (2019, p. 14) recupera a relevância econômica de Minas enquanto “território mais importante do reino português.” E aqui novamente se intensifica o olhar descentrado, relacionando-se à “ansiedade” da Coroa e dos colonos brasileiros, à “ansiedade não menos tensa e geralmente desconsiderada dos habitantes originais, os diversos povos indígenas, para os quais o ouro nada dizia, mas muito provocava em termos de deslocamentos e espoliação.” (BRANDÃO, 2019, p. 14). A ironia presente em “não menos tensa” sugere a violência e a desumanização levadas a cabo por uma ideologia civilizacional eurocêntrica, acentuando o descentramento do olhar direcionado àquela embrionária formação territorial:

Ampliando-se ainda mais nossa perspectiva espacial, também no continente africano o achamento de ouro do outro lado do Atlântico provocava o êxodo de populações inteiras, condenadas ao trabalho escravo, as quais redesenhavam também os territórios das minas para onde eram levadas. (BRANDÃO, 2019, p. 14)

Por essa perspectiva ampla do olhar, a literatura mineira resultará entendida como expressão de uma cultura vasta e relacional, experiência simbólica e territorial que, a um só tempo, erigiu centros econômicos e respectivas periferias, cuja materialização arquitetônica e urbana aguça o apartamento e a exclusão, embora não evite uma rede de relações, contatos e presenças, evidenciadas no recorte metodológico da proposta de seleção dos textos. Assim, a ideologia centrista é, portanto, o que se desmonta na perspectiva organizacional da obra *Literatura Mineira: Trezentos anos*, cuja topologia diversificante se estende “até onde a cultura e os falares dos mineiros se confundem com os de baianos, goianos, paulistas, fluminenses e capixabas.” (BRANDÃO, 2019, p. 14). Por fim, é mediante a ilustração dessa paisagem que se apresenta a diversidade como critério fundante da coletânea: “Isso quer dizer que, Minas sendo muitas, também a literatura mineira tem como marca a diversidade.” (BRANDÃO, 2019, p. 14). Desse modo, “capítulos de grande abrangência” (BRANDÃO, 2019, p. 14), que historicizam fatos e atores literários, e “estudos com foco mais pontual” (BRANDÃO, 2019, p. 14) sugerem oferecer uma mostra da literatura produzida em Minas, evitando-se o ufanismo da perspectiva, mas ressaltando-se a inscrição dessa textualidade, na condição de “experiência ímpar” (BRANDÃO, 2019, p. 14), no âmbito da literatura brasileira.

Se o recorte pautado na diversidade da escrita literária no território mineiro não se configura pelo prisma historiográfico, não seria impertinente, contudo, destacar a subjacência de uma postura histórica que o sustém. Trata-se, a nosso ver, de uma abordagem próxima à da história cultural, sobretudo no que concerne à preocupação com a memória social, isto é, ao resgate de textos e autores obliterados pela historiografia centrada no cânone literário, cuja existência se manteve cultivada com base na negligência de sociabilidades literárias periféricas. Desse modo, a seleção dos textos acaba por inscrever – por sobre o vazio representacional de algumas práticas escriturais, com nenhuma ou muito escassa representação nos discursos crítico e histórico –, a presença da literatura produzida tanto por mulheres, indígenas, negros, pelos modernistas mineiros – cuja pertença ao modernismo brasileiro se dá com especificidades intrínsecas decorrentes da tensão entre a sedução pelo novo e o apego a tradições interioranas

e barrocas –, quanto por escritores marginais. E, como um desdobramento do olhar da memória social, o recorte assenta, igualmente, sobre o postulado culturalista. Nesse sentido, o conjunto da obra cumpre um duplo papel, resultante do diálogo entre os estudos literários e os culturais, visto que elenca tanto escritores e discursos literários da tradição erudita e monumental, quanto aqueles cujas existências e representatividades viriam a se destacar, sobretudo, pela crítica culturalista.

Além da abordagem culturalista, poder-se-ia considerar o aporte do compêndio afinado a certa “epistemologia do sul”, campo do conhecimento que considera o universalismo colonialista moderno como uma “intervenção epistemológica, política, econômica e militar”, que “se imp[ôs] aos povos e culturas não-ocidentais e não-cristãos”. (SANTOS; MENESES, 2010, p. 10). A noção de “sul” não designa, pois, um espaço físico, porém a geografia humana das culturas assujeitadas a tal intervenção. Paralelamente, “norte” é o lugar simbólico e econômico das empreitadas imperialistas interventoras. Desse modo, Brandão parece implicitamente admitir que uma parcela da literatura de Minas se erigiu na condição de um seletivo rol, herdeiro de tradições europeias e brancas, legitimadas e postas em circulação em detrimento de outra parcela, herdeira das tradições indígenas e afro-brasileiras que também marca sua presença na literatura mineira e brasileira. Tal postura permite sugerir que, para Brandão, no próprio âmbito da literatura mineira e nacional, ter-se-ia constituído uma espécie de polarização geográfica simbólica, onde o norte seria a zona ocupada por escritores herdeiros de tradições letradas europeias, mediadores da realidade discursiva de “outros” sujeitos que, embora constituindo com seus saberes a cultura nacional, não puderam lograr representação autônoma, habitando o sul de um mapeamento excludente:

Se, no passado, as partes de nós por motivos diversos marginalizadas só encontravam nas letras uma voz delegada – e, por isso mesmo, submetida a todo tipo de estereótipo a que se costumam sujeitar aqueles rebaixados à condição de “outros” —, um traço marcante da literatura nacional e não menos da mineira, desde a segunda metade do último século, são as vozes das margens que passam a ocupar seu lugar no sistema literário. (BRANDÃO, 2019, p. 17)

A percepção do rebaixamento dos marginalizados à condição de “outros”, no recorte de Brandão, sugere-se tributária, igualmente, da metodologia de Edward Said em *O Orientalismo* (1979), relativa à reavaliação da escrita do cânone literário imperial e colonial. Defende-se,

então, que o princípio da seleta de textos olha para a história da literatura brasileira e mineira também como história da construção de um saber sobre o outro colonizado, aos moldes de um saber orientalista, que nomeia aqueles que destoam e faz da linguagem um constructo de conhecimento sobre eles. Jacyntho Lins Brandão, atuante helenista, ao organizar o volume em destaque, não ficou indiferente às questões colonialistas e hierárquicas que envolvem a produção literária de Minas, inspirando-se no culturalismo, nas epistemologias do sul e na crítica ao orientalismo, alinhando-se, assim, à produção teórico-crítica da Faculdade de Letras da UFMG, na qual aquelas abordagens, entre outras, fizeram tradição. A organização dos artigos também considera fatores espaciais e periféricos associados aos de gênero – com ênfase em questões interseccionais relativas à escrita de mulheres –, além de econômicos e raciais, pois, por devida vez, influenciaram a emergência de literaturas produzidas por mulheres negras no estado de Minas. Em destaque para este estudo, a recepção de Conceição Evaristo na coletânea ilustra esta preocupação interseccional.

### **A recepção de Conceição Evaristo no volume *Literatura Mineira: Trezentos anos***

A obra de Conceição Evaristo está contemplada na primeira parte do volume, intitulada “Estudos temáticos”, por dois ensaios, “Escritoras mineiras presente! Anotações críticas”, de Constância Lima Duarte e Maria do Rosário A. Pereira; e “Falas do negro nas letras de Minas”, de Eduardo Assis Duarte. E na segunda parte, nomeada “Autores”, por “A escrevivência de Conceição Evaristo”, de Aline Alves Arruda.

O ensaio de Duarte & Pereira dedica-se a historiar a atuação de autoras, na literatura e na imprensa. A perspectiva de fundo é a do feminismo universal, sem que o interseccional não seja levado em consideração, especificamente na abordagem de autoras negras. Mencionando a ausência de tratamento das obras de escritoras nos manuais de literatura, cumpre o papel de demonstrar “o quão profícua e multifacetada” (2013, p. 35) é a produção mineira de autoria feminina. Ao assinalarem, no título do ensaio, o brado “presente!”, costumeiramente audível em manifestações políticas e públicas pelos direitos das mulheres, as ensaístas reivindicam a visibilidade do gênero feminino, não contemplada pelo que denunciam como uma crítica historicamente misógina. Ao assumirem tal perspectiva de reescrita de silenciamentos, remontam o traçado histórico ao século XIX, e elencam autoras que “romperam os limites

impostos pelo poder patriarcal” (DUARTE; PEREIRA, 2019. p. 35), falando, assim, em *memoricídio*, “conceito que designa o processo de opressão e negação da participação da mulher ao longo da História.” (DUARTE; PEREIRA, 2019. p. 35). Empregam novamente o conceito ao referirem obliterações de que foi alvo, por exemplo, a escritora Henriqueta Lisboa, relevante intelectual, produtiva desde os tempos do modernismo em Minas, correspondente de Mário de Andrade. Citam duas negligências impingidas à referida escritora: “não é convidada para o I Congresso Brasileiro de Escritores, ocorrido em São Paulo, em 1945” (DUARTE; PEREIRA, 2019. p. 45), não tendo sido tampouco incluída por Manuel Bandeira, em 1961, em *Apresentação da poesia brasileira*, “apesar de depois se desculpar através de uma carta”. (DUARTE; PEREIRA 2013, p. 45).

Após passar em revista os contributos femininos do século XIX, e de grande parte do XX, alcançam a literatura contemporânea e suas respectivas figuras, entre as quais Conceição Evaristo, efetuando, então, o primeiro recorte interseccional do ensaio, ao destacarem “questões sociais complexas e frequentemente silenciadas, como racismo e sexismo” (DUARTE; PEREIRA 2013, p. 46), que a escritora aborda em suas obras:

[Conceição] apresenta uma escrita calcada na *escrevivência* — conceito cunhado pela autora que remete à apropriação literária de suas vivências, ou seja: seu lugar de fala reflete experiências pessoais e coletivas como mulher negra, ainda que tais experiências apareçam por meio de personagens fictícias e narrativas ficcionais. (DUARTE; PEREIRA 2013, p. 45)

Ao mesclarem a cronologia das publicações de Evaristo – a partir de 1990 –, com a menção a traduções de textos para outros idiomas, as ensaístas não deixam de mencionar a recepção de crítica, notadamente o conceito de “brutalismo poético”, importante aporte aos estudos evaristianos, da lavra de Eduardo Assis Duarte.

No ensaio “Falas do negro nas letras de Minas”, Assis Duarte efetua um recorte que, embora considere questões de gênero e de escrita feminina, se volta para o registro, na literatura mineira, da “presença de uma textualidade marcada pelo existir negro no país da “democracia racial” brasileira (ASSIS DUARTE, 2019, p. 51). O ensaísta vincula a produção nacional negra a uma vasta “tradição da escrita afro-diaspórica ocidental, desde as *slave narratives* e a ficção abolicionista do século XIX, à *Harlem Renaissance* estadunidense e à *Négritude* francófona da primeira metade do século XX.” (ASSIS DUARTE, 2019, p. 51). Desse modo, destaca o papel

dos precursores da literatura negra no século XIX, responsáveis pela desconstrução de uma “narrativa hegemônica” que forjou o mito do Brasil “como paraíso mestiço infenso a preconceitos e discriminações”. (ASSIS DUARTE, 2019, p. 51).

A elíptica periodização empreendida no ensaio alcança o século XX, enfatizando, a partir de 1960, a relevância e a penetração internacional da obra de Carolina Maria de Jesus para “desnudar os mitos ostentados como marcas da nacionalidade.” (ASSIS DUARTE, 2019, p. 51). Passa à década de 1970, e enfatiza a emergência de coletivos de escritores negros em diferentes estados brasileiros, notadamente o Quilombhoje, de São Paulo, cujos *Cadernos Negros* apresenta, em 1990, Conceição Evaristo ao público-leitor. O ensaísta reconhece não ter havido em Minas mobilização à altura da ocorrida noutros estados, onde tais coletivos emergiram. Entretanto, salienta o papel de Adão Ventura, nos anos 1980, que “não ficaria ausente da vertente afro em consolidação na literatura brasileira.” (ASSIS DUARTE, 2019, p. 51).

É curioso notar tanto a tônica de Duarte na inexistência de uma intensa mobilização da cultura negra no estado quanto a primeira menção do ensaísta a Evaristo, situando-a no rol de autores cuja emergência ocorre em terras não mineiras. Essa espécie de geografia da publicação, por implícita que seja, não é, de modo algum, insignificante em um volume sobre a literatura de Minas, o que pode soar como fina ironia expressa pelo ensaísta. A partir dela, o que teria implicado em certo atraso no tocante à autora ser publicada em Minas? Que condições intrínsecas ao mercado editorial mineiro teriam atuado nesse sentido?<sup>2</sup> Assim, é mister constatar que somente em 2003 – treze anos após a publicação nos *Cadernos Negros* e de uma intensa participação da escritora em antologias deste periódico, durante os anos 1990 –, que veio a público o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte.

A segunda menção a Evaristo é comparatista, aproximando sua poesia à de Adão Ventura, destacando-se a poética memorialista dos autores e respectivos engajamentos contra os efeitos atuais do racismo sistêmico. (ASSIS DUARTE, 2019, p. 52). No devido tempo, o ensaísta detém-se na apresentação e análise propriamente ditas, incorporando ao texto declarações da própria escritora com tônica no recorte interseccional: “constrói uma poesia

---

<sup>2</sup> Essas são questões que extrapolam o escopo deste artigo, mas denotam a necessidade de se deter mais na história dos fatores propícios e desfavoráveis a publicações da autora fora e dentro do estado.

intensa que, sem deixar de lado a ancestralidade, concentra-se nas falas voltadas para a ‘condição da mulher negra na sociedade brasileira’, que toma como verdadeiro mantra para a sua *escrevivência*.” (ASSIS DUARTE, 2019, p. 53). Nesse ponto, ressalta a enunciação feminina no amplo espectro afro do memorialismo das origens familiares. Escolhe o poema “Vozes mulheres” para ilustrar a irredutibilidade dessa enunciação, que “clama no feminino na mesma clave com que Adão Ventura “monta guarda” na memória familiar.” (ASSIS DUARTE, 2019, p. 53). De fato, a rede semântica criada no poema associa significantes do trabalho feminino e da condição subalterna específica que subjuga a mulher negra: “no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos brancos (...).” (EVARISTO, apud ASSIS DUARTE, 2019, p. 53). A escolha deste poema revela-se pontual, pois o texto indaga sobre as condições de produção de uma literatura negra feminina em contexto de racismo sistêmico que atinge especificamente mulheres: “A voz de minha filha / recolhe todas as nossas vozes (...) / O ontem – hoje – o agora. / Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância / o eco da vida-liberdade.” (EVARISTO, apud ASSIS DUARTE, 2019, p. 53). Em suma, percebe-se que o ensaio parte de uma perspectiva negra universalista para, enfim, intensificar – com análises e escolhas – o recorte do gênero, reafirmando, mediante declarações e textos poéticos de Evaristo, que se a inscrição dos negros na literatura mineira não está desvinculada do racismo, a das mulheres negras vincula-se a ele de modo peculiar.

Na segunda parte do volume, “Autores”, Aline Alves Arruda, em “A *escrevivência* de Conceição Evaristo”, desenha um painel da produção evaristiana, apontando recorrências e peculiaridades da própria linguagem. O texto inicia pelo delineio de alguns elementos biográficos – o nascimento em Belo Horizonte, o contato com a tradição oral em família, a transferência para o Rio de Janeiro –, para uma progressiva e detida apresentação estética da obra, principiada por uma explanação da própria romancista sobre *escrevivência*:

Eu poderia pensar numa autoria negra que borra essa imagem [a da escrava contadora], porque essas mulheres tinham de contar história justamente para adormecer os nenês da casa grande, elas nunca podiam contar sua própria história. A nossa “*escrevivência*” não é para adormecer os da casa grande, pelo contrário, é para incomodá-los em seus sonos injustos. É uma ficção que o que me inspira é realmente a vida, os acontecimentos, os personagens do cotidiano. Essa “*escrevivência*” é profundamente marcada pelo lugar social que nós escolhemos para compor. (apud ARRUDA, 2019, p. 244)

Além da relevante apresentação inicial do praticado conceito, basilar para o conjunto da obra evaristiana, Arruda considera o “recorte social, especialmente a respeito das questões de gênero e etnia” (2019, p. 244), como uma motivação teórica de Evaristo, transmutada por “um lirismo cortante, uma escrita poética de denúncia” (ARRUDA, 2019, p. 244). Ainda que o pensamento de Evaristo sobre a própria escrita seja mencionado nos ensaios de Constância Duarte, Maria do Rosário Pereira, bem como no de Eduardo Duarte, é no artigo de Arruda, pelo formato de estudo de caso, que tal perfil se vê delineado. Nesse sentido, as primeiras análises detêm-se na relação entre lirismo e oralidade, na recursividade imagética e na metalinguagem que caracterizam o memorialismo familiar e ancestral da autora.

Na terceira seção, Arruda trata do modo pelo qual Evaristo se apropria do tópos do *navio negreiro* na literatura brasileira. Escolhe – aliás, como no ensaio de Eduardo Assis Duarte –, o poema “Vozes mulheres” para o tratamento da questão, o que é indicativo da relevância do mesmo para a recepção da obra, no qual possivelmente se ouvem ecos de manifesto estético:

o eu-lírico recupera, portanto, a memória diaspórica, que começa com o navio negreiro, passa pela obediência obrigatória aos “brancos donos de tudo” e chega ao cotidiano da favela, remetendo-nos ao sangue e à fome que deságuam na voz da esperança representada pela filha que ecoará, segundo o eu-lírico, a “vida-liberdade” (ARRUDA, 2019. p. 247)

Segundo a ensaísta, em Evaristo, a diáspora negra consiste em dois momentos: o tráfico dos negros com vistas à escravidão e, posteriormente, a errância dos negros brasileiros “em busca da reconstrução da identidade perdida.” (ARRUDA, 2019. p. 247). Um dos móveis da reconstrução identitária é a “memória social” e as tradições orais, mediante as quais “o personagem [evaristiano] carrega consigo a dor coletiva, símbolo da memória dos seus, trazida com ele ancestralmente.” (ARRUDA, 2019. p. 247). Aliado à memória coletiva, o poder subversivo do erotismo marca, na leitura de Arruda, as personagens femininas: “o corpo é marca da escrita de literatura de autoria feminina, pois é ele fator de diferenciação dos sexos biológicos e levante político do feminismo.” (2019, p. 249). Analisando a apropriação dos próprios corpos por personagens mulheres, Ana Davenga e Natalina, em contos da obra *Olhos d’água*, a ensaísta contrapõe a autonomia do desejo à tradição literária que representou mulheres negras na condição de corpos-objetos. Desse modo, formula, sobre a estética do corpo em Evaristo, que ela repousa na “inscrição étnica reveladora do corpo negro.” (ARRUDA, 2019. p. 250)

Como se pode observar, as perspectivas teóricas subjacentes à apresentação de Lins Brandão no volume *Literatura Mineira: Trezentos anos*, em alguma medida, viram-se retomadas e desenvolvidas nos recortes dos três ensaios ora apresentados. Feminismo interseccional, estudos culturais, decolonialismo e mesmo algo da história a contrapelo de Benjamin, fundem-se e destacam-se em leituras do(s) lugar(es) de Conceição Evaristo na literatura mineira. Com esse ensejo, propõe-se, a seguir, uma retomada do romance *Becos da Memória*, que nos parece consistir em uma lição à parte sobre o despertar de uma adolescente negra para a literatura a partir das periferias urbanas e simbólicas da capital mineira.

### ***Becos da memória: perímetros urbanos, parâmetros racistas***

Desde as primeiras intersecções entre a ideologia tácita do projeto de cidade moderna e a produção literária de temática urbana, a periferia resulta como lugar de contradições, um produto crítico, espacial e simbólico dessas intersecções. Nesse sentido, a *flânerie* da poesia de Charles Baudelaire foi fruto, na segunda metade do século XIX, das condições de produção de um discurso urbano segundo o qual não devesse haver lugar, na urbe, para a frequência do cidadão associal, antípoda ao modo de produção burguês. Com efeito, a arquitetura da cidade moderna respeitou, primordialmente, o postulado do progresso a todo custo; instaurou, com esse fim, a antinomia centro-periferia, relegando às margens da cidade e da cultura os sujeitos desmunidos dos bens necessários à deambulação e à habitação ocorridas no interior de contornos delineados à medida que se erguiam as edificações.

Os contornos de um projeto urbano produtor de margem social constituem o pano de fundo do romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, e aludem ao processo de urbanização do centro da capital mineira. Tais contornos produzem a periferia – o centro constrói-se aquém da zona suburbana, onde posteriormente uma favela se instalou – e, ao mesmo tempo, destroem-na, uma vez que a favela se sujeitaria a processo de desfavelamento. A narradora, Maria-Nova em adulta, relembra sua situação de miserável, excluída das benesses da urbanização do centro urbano no entorno do qual se localiza a favela onde morou e cultivou as próprias raízes culturais. Com o recuo do tempo, vê-se no lugar de criança negra privada da cultura letrada, ou seja, da presença de livros e de escolas. Por sua perspectiva, tal cultura detinha o poder simbólico em uma cidade ficcional regida pela ideologia do privilégio branco.

Não há, no texto, menção a Belo Horizonte como sendo este espaço. Entretanto, em fotografias pessoais de Evaristo, exibidas na capa do livro, é possível reconhecer ambientes belo-horizontinos. Assim, esse paratexto imagético constitui referência explícita a Belo Horizonte – para o leitor que reconheça os espaços fotografados – e referência alusiva e potencial – para aquele que, embora não os reconheça –, cogite ter sido tal municipalidade plausível inspiração para o espaço romanesco, além da favela Pindura Saia, também retratada. A nosso entender, esses contornos são imprescindíveis para se enveredar por uma reflexão, proposta pelo romance, relativa às condições de produção de um discurso negro, periférico e feminino na literatura mineira na segunda metade do século XX.

A noção de contorno, no contexto da urbanização, remete a tantas outras, margem, fronteira, por onde se traçam as delimitações espaciais e simbólicas entre espaços social e economicamente antagônicos, ou seja, privilegiados e desfavorecidos. Curiosamente, em se tratando da configuração viária belo-horizontina, o vocábulo “contorno” empregou-se, já nos anos 1920, como alcunha da Avenida 17 de Dezembro, traçada pela Comissão Construtora da Nova Capital para ser o limite entre os perímetros urbano e suburbano. Avenida do Contorno é o nome que o uso consagrou, espaço circundante para além do qual a cidade, ao longo do século, se desenvolveu. Nas proximidades da avenida, localizava-se a Praça do Cruzeiro, “situada no cruzamento entre a Av. do Contorno e a Av. Afonso Pena, [e que] demarcava o limite sul da Zona Urbana da cidade planejada.” (MELO, 2012, p. 23). Detrás da praça, um grande contingente populacional viria a constituir a Favela Pindura Saia. Projetos de tornar a localidade uma área esteticamente estratégica, sem maiores preocupações habitacionais, já eram concebidos desde 1926, sendo referida como “ponto mais encantador de Belo Horizonte, sobre o qual se terá de levantar, sem dúvida, em futuro próximo, algum edifício monumental e magestoso [sic].” (BELOHORIZONTE, 1926 *apud* MELO, 2012). Nos anos 1940, sob o mandato do Prefeito Juscelino Kubistchek, um arrojado projeto urbanístico, compreendendo também a edificação da Pampulha, foi empreendido. (MELO, 2012, p. 24). As obras e o desfavelamento progressivo, como a construção da Avenida Afonso Pena, “contribuíram para que a área antes periférica se tornasse central.” (MELO, 2012, 113). Assim, a abertura dessa artéria viária, estendida até os limites da referida favela, fez desta localidade um ponto central. Na década 1970, por atuação da Política de Erradicação de Favelas, levada a cabo pelo órgão

municipal CHISBEL, a Favela Pindura Saia seria quase totalmente erradicada, atualmente remanescendo apenas a Vila Santa Isabel.

O interesse de se resgatarem esses dados da história da Pindura Saia não reside na criação de uma homologia entre o espaço referencial e o espaço romanesco, mas, antes, na revisitação da história sócio-urbana do lugar pelo olhar da ficção de Evaristo. Não se trata de uma causalidade espaço-temporal; mesmo porque, ao espaço da favela fictícia de *Becos da Memória*, como em uma heterotopia – trama topológica aberta a virtualidades espaciais vivenciadas psicologicamente por Maria-Nova –, sobrepõem-se dois espaços resgatados historicamente, a África dos antepassados e as senzalas onde se viram posteriormente alojados e escravizados. No primeiro caso, são as histórias ouvidas dos antigos que lhe permitem recuar ao espaço ancestral: “Lembravam de histórias mais amenas de campo, de homens livres, em terras longínquas. Lembravam-se de deuses negros, reais [...]” (EVARISTO, 2021, p. 20). O conforto do retorno diacrônico interrompe-se pela consciência crítica sobre a experiência da escravidão, eternizada na favela, espaço-mor da precariedade: “[...] Maria-Nova [...] divagava em um pensamento longínquo e próximo ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela.” (EVARISTO, 2021, p. 72-73). A palavra composta expressa a analogia crítica da narradora, que “lera e aprendera também o que era casa-grande.” (EVARISTO, 2021, p.73). O jogo de espacialidades, evoluindo da diacronia à sincronia, do *locus amoenus* ao *locus horrendus*, acaba por focalizar o presente, o espaço da favela propriamente dito, cuja apreensão se dá de modo relacional com a percepção da proximidade entre a favela e a área habitacional abastada da cidade: “Os festivais de bola na favela tinham gosto de grandes alegrias. O campo era uma área livre, enorme, que ficava entre a favela e o bairro rico. Bem rico e bem próximo.” (EVARISTO, 2021, p. 23). Note-se a ênfase na ideia de proximidade conseguida pela retórica adverbial. Veja-se, agora, outra referência topológica relacional para a formação de Maria-Nova:

Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. Tinha selos de vários lugares do Brasil e de alguns lugares do mundo. A igreja do bairro rico, ao lado da favela, era de uns padres estrangeiros. Maria-Nova lá ia pedir selos. (EVARISTO, 2021, p. 31-32).

Aproximar-se da cultura branca, aqui representada pela filatelia, passa pela admiração de uma geografia vasta, contraposta e vetada à experiência de confinamento na favela. A linguagem, portanto, como representação visual e verbal, é fator da exclusão de Maria-Nova. Próximos e distantes, assim como são vizinhas a favela e a zona urbana favorecida, os bens de linguagem com registro, código e reprodução seduzem, mas dificilmente se conquistam, a exemplo da cultura escrita:

Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. (EVARISTO, 2021, p. 73)

Na passagem, não se destaca a localização física da escola, embora não seja desarrazoado crer situar-se em perímetro exterior ao da favela, cujos habitantes retratados na narrativa, em maioria, são negros. Na escola, ironicamente, a presença majoritária é de brancos. O que se observa, no excerto, é a escola como localidade simbólica da segregação. Assim, a cena sugere o desmembramento entre o pensamento e a expressão verbal de Maria-Nova. Decerto, para que ela se exprima, não basta apenas romper com a estrutura social do privilégio branco e fazer-se letrada, mas carece burlar o racismo sistêmico que incita ao silenciamento. Então, ainda que Maria-Nova formule um pensamento elaborado, por analogia a dada política crítica entre o passado escravista e o presente vulnerável dos negros “livres”, ainda que disponha do instrumento verbal e escrito para expressá-lo, emudece, sentindo “mal-estar” por ter-se dado conta de serem ali, ela e sua “única colega negra”, entre tantos brancos, exceções à regra do privilégio da branquitude. A referida passagem sugere revelar-se paradigmática e analógica ao racismo literário com o qual Evaristo e outros escritores negros obrigaram-se a romper para inscreverem os próprios nomes na literatura mineira. Esse racismo literário conta com dispositivos de silenciamento, dos quais o mais eficaz é o impedimento à cultura letrada, como veremos a seguir.

Se a personagem Maria-Nova teve que vencer barreiras ao próprio letramento, o esforço para tanto progrediu em direção à consciência da importância desta cultura. Negro Alírio, personagem do romance e morador da favela, um dos vários exímios contadores de histórias com quem Maria-Nova efetua seu letramento narrativo, lhe incute igualmente a consciência da

relevância da escrita: “[...] Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam.” (EVARISTO, 2021, p. 94). De alguma maneira, se aquele universo está impregnado de histórias de vida, mantidas por uma rica e relevante cadeia de transmissão cultural, a oralidade não invalida a necessidade da cultura escrita. A nosso ver, no romance, não se trata de nobilitar essa cultura em detrimento da oral – longe disso –, mas de entender que a oralidade, como única forma de expressão daquela comunidade periférica, constitui fator de exclusão dos negros e manutenção do privilégio do código linguístico escrito nas mãos dos brancos: “Conhecia poucas pessoas negras que soubessem ler.” (EVARISTO, 2021, p. 94). Aqui, trata-se da admiração que Dora sentiu por Negro Alírio pelo simples fato de ser alfabetizado.

Bondade é outro contador cujas histórias aprazia a Maria-Nova ouvir. Ele integra um rol de herdeiros da tradição do banzo, isto é, as “saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera.” (EVARISTO, 2021, p. 63) O banzo, espécie de nostalgia do idílio africano, não entorpece a consciência; ao contrário, intensifica-a. Se, por lado, trata-se de móbil narrativo que mantém a memória social da negritude; por outro, não pressupõe a exclusividade da oralidade: “A menina, apesar da dor, pedia mais e mais aquela história. Gostava de alguns pontos coincidentes entre ela e o Homem. Ambos, quando pequenos, tinham o desejo de aprender a ler.” (EVARISTO, 2021, p. 63). É, portanto, nos instantes mesmo em que recebe a tradição oral e com ela faz o primeiro letramento narrativo, que Maria-Nova direciona desejo também para a tradição escrita. Desejo, aliás, é o termo pelo qual a narradora, Maria-Nova em adulta, apresenta, no *incipit*, seu projeto de escritura: “desejo dolorido de escrever”. (EVARISTO, 2021, p. 17). Nessa formulação sobre o próprio fazer literário, Evaristo reúne duas expressões culturais distintas, a oralidade – representada pela dor do banzo das narrativas afrodescendentes – e a tradição letrada. Quanto à precariedade leitora da menina e de seu entorno, para minimizá-la, contava com alguns expedientes não formais de ensino e aprendizagem:

Pequenina ainda, se entretinha horas e horas com revistas e jornais que a mãe e a tia lhe traziam. Tio Tatão, por vez ou outra, aparecia com um presente, um livro. Maria-Velha e Mãe Joana sabiam ler. Maria-Velha aprendera com uns missionários que volta e meia apareciam no lugarejo em que foram criadas. Mãe Joana aprendera sozinha

catando cuidadosamente as letras nas horas de folga nas casas em que trabalhava. (EVARISTO, 2021, p. 62-63).

Maria-Nova não herda propriamente da família uma tradição da escrita, mas uma disposição de luta pela aquisição, uma vez que os processos de transmissão do código escrito não se haviam instituído, temporalmente, como cultura transmitida sistematicamente de negros para negros. Atente-se para dois modos de acesso à escrita produzidos pela segregação racial e pelo racismo sistêmico: a avó aprende a ler com fins de instrumentalização religiosa, expediente opressor empregado pelo colonizador europeu na domesticação de indígenas e africanos, desde os primórdios dos colonialismos europeus. A mãe, por sua vez, autodidata, alfabetiza-se a si mesma, o que é revelador de uma personalidade criadora, mas também prova incontestemente do confinamento e da solidão dos negros quando inventam estratégias de sobrevivência em uma sociedade da apartação racial.

Informalmente, em casa, Maria-Nova tem contato com alguns textos escritos. No ambiente formal da escola, além de ter acesso à linguagem escrita, constrói seu letramento social, lendo e interpretando o racismo predominante na realidade que vive. Porém, o desfavelamento, em razão do qual se desaloja sua família, no fim da narrativa, impedirá que ela continue a frequentar a escola:

Os tratores estavam prontos para o trabalho do dia seguinte que seria eliminar o Buracão e aplainar a área em que estavam os últimos barracos. A tarde chegou amena; Maria-Nova contemplou durante muito tempo o pôr do sol. Teve tempo de ler e escrever alguma coisa, mas já tinha guardado os livros e os cadernos num caixote que sempre lhe servira de cadeira ou mesa quando ela se assentava no chão. Maria-Nova tinha feito no dia anterior as provas finais, se despedido dos professores, dos colegas e amigos. Não voltaria no próximo ano, mas voltaria a estudar um dia. (EVARISTO, 2021, p. 182-183).

O abandono escolar era a preocupação de Negro Alírio, o incentivador da leitura entre as crianças:

Havia os problemas das crianças, que, com o desfavelamento, perderam as vagas nas escolas ao se mudarem no meio do ano [...] Negro Alírio, um dia, no intervalo do almoço, correu à escola que atendia as crianças da favela. Era preciso um documento que garantisse a matrícula das crianças em outras escolas. (EVARISTO, 2021, p. 146).

A continuidade dos estudos fica comprometida em razão da distância entre a nova morada e a cidade, com seus bens e serviços:

A família de Maria-Nova já tinha para onde ir. Logo que começou o desfavelamento, Maria-Velha e Mãe Joana começaram a comprar um lote lá onde Deus tinha pensado iniciar o mundo. Era um lugar de mato e bichos, bem calmo. Era longe. A primeira dificuldade seria vir trabalhar, ganhar a vida. Havia também a escola que era muito distante. Maria-Nova e os irmãos iriam parar de estudar. (EVARISTO, 2021, p. 172).

Algumas questões são suscitadas pelo desfavelamento. Ele é, na história da família de Maria-Nova, o terceiro exílio forçado. Desde a retirada da África dos antepassados, passando pelo confinamento na periferia de um espaço urbano desenvolvido, essa história prosseguirá sua diáspora com o deslocamento forçado do grupo familiar a uma área que, além de precária, como a favela, está distante da cidade, onde se estuda e se ganha a vida. Ocupar o espaço, para Maria-Nova, não significa suspirar romanticamente pela cidade e desqualificar a favela. Pelo contrário, ela é, na narrativa, reduto de sociabilidades, visões e conhecimentos de mundo, tradições culturais, subjetividades, relações íntimas, experiências laborais, religiosidades, arte e cultura. As narrativas orais não fazem senão atestar tal riqueza. Contudo, não significa tampouco idealizar a favela e suas modalidades de sobrevivência social e expressão cultural como exclusivos e unicamente necessários ao seu povo. O romance *Becos da Memória* incita a uma reflexão sobre a criação de modos de sociabilidade literária que insiram a favela no sítio urbano, donde a ênfase recorrente na relevância da aquisição do código escrito da língua pelos habitantes da favela. Essa aquisição denota estar vinculada à produção e circulação de bens em uma cidade que se divide entre perímetros muito bem demarcados – o da população branca, moradora da zona urbana e detentora da cultura letrada, e o da cultura negra em situação de precariedade linguística. E, especificamente, a trama levanta questões acerca de condições de emergência, no espaço simbólico da escrita, do discurso de mulheres negras periféricas. De fato, o privilégio branco literário é também masculino, em maioria exercido por homens moradores de centros urbanos, o que Regina Dalcastagnè demonstrou, com dados quantitativos, na obra *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012).

Na sequência fotográfica abaixo, que figura na contracapa do romance, publicado pela editora Pallas (2021), tem-se um registro que pode ilustrar a dinâmica espacial e simbólica da emergência do discurso de Maria-Nova:



O recorte faz parte de uma colagem de 23 fotografias nas quais se exibem familiares e amigos de Evaristo em diversos momentos, do lazer ao trabalho caseiro, das cenas espontâneas àquelas mais posadas. Na sequência aqui apresentada, percebe-se, no centro, uma fotografia da perambulação urbana de duas mulheres vestidas para passeio, ladeada por outras duas: a de perfil de uma senhora, em close facial que lembra o dos documentos oficiais de identificação, e a de um grupo com sorriso descontraído, em plano mais geral, sob um fundo vegetal. Nesta, no último plano, pode-se reconhecer a adolescente Conceição Evaristo. Das 23 fotografias, exibidas nas capas e contracapas do livro, a do passeio pela cidade faz parte das únicas 04 imagens de cenas urbanas. Nas outras 03, há cenas de praça, com personagens assentados sobre bancos, em uma das quais a própria Evaristo aparece. Essa predominância dos espaços periféricos nas imagens alude a certa conjuntura que torna menos ou mais frequente o aparecimento público de negros e favelados em ambientes urbanos. Pela largura do passeio, pode-se inferir tratar-se da Avenida Afonso Pena, com suas antigas árvores costumeiras, via urbana na qual era habitual a caminhada, aos domingos.

Historicamente, ainda que a avenida sempre tenha abarcado grande parte dos deslocamentos no centro da capital, e a proximidade com o Parque Municipal, feito com que a ela acoresse considerável contingente populacional nos fins de semana, é o mito da democracia racial urbana que se erige, nesse complexo urbanístico, com sua monumentalidade estruturante. Até os anos 1970, a avenida contava, ainda, com butiques de marca e importantes pontos de sociabilidade, como o Café Nice e a Igreja São José, ainda garantindo o simbolismo social da ostentação do aparecimento público. Negros favelados transitavam por esse perímetro viário, apropriando-o à própria experiência recreativa, ao passo que suas vidas pouco contavam para a ideologia habitacional e desenvolvimentista da cidade. Os desfavelamentos de zonas próximas, como a do Pindura Saia, é prova cabal dessa contradição. É, portanto, a lógica da segregação social e racial que impera, bem como a cultura da exceção que produz. Como em um jogo

remissivo, o fato de Maria-Nova e uma colega serem as únicas negras da sala dialoga com a imagem das duas senhoras negras passeando pela avenida.

Qual é o custo, social, econômico e simbólico, que produz a cena de passeio de duas mulheres negras pela via que atravessa o centro de Belo Horizonte? Possuir uma fotografia nesse local denota o registro do desejo de participar de uma cultura cidadina moderna, cujos bens contam com a reprodutibilidade técnica da imagem e da memória (o registro fotográfico em si). Logo, a noção de mecanismos de registro e reprodução da linguagem pode ser estendida ao universo linguístico e idiomático – que tanto interessa a Maria-Nova –, do qual o código escrito produz e legitima monumentos literários. Nesse sentido, o diálogo com *Becos da Memória* é notório, lembrando-nos as duas mulheres tão irmanadas, mãe e avó de Maria-Nova, primeiros exemplos de mulheres negras alfabetizadas, mas que aprenderam a ler em circunstâncias precárias, uma sendo alfabetizada por religiosos para que possivelmente conseguissem conversão, e a outra alfabetizando-se como autodidata. Não é coincidência que sejam também duas, de braços dados, as senhoras da fotografia, a desfilar pelo traçado daquela icônica via pública.

Em suma, para uma mulher negra, nascida em ambiente de transmissão oral da literatura, que burlou o privilégio branco da escrita para se fazer escritora, importa suscitar essa problemática. Para tanto, Evaristo vale-se, para além da materialidade linguística do romance, do paratexto fotográfico a fim de intensificar a significação da trama espacial da narrativa, por remissão à cidade da infância e adolescência. É como se a oralidade não devesse ser o meio exclusivo de produção literária dos narradores da favela e estabelecesse vizinhança textual com um patrimônio literário escrito cuja inscrição perimetral e simbólica se encontrava a dois passos dali; é como se, ao pisarem o espaço daquela avenida, as mulheres retratadas encarassem o leitor, incitando-o a refletir sobre fatores que permitissem a uma mulher negra e favelada pisar o branco terreno da cultura letrada belo-horizontina.

### Referências

ARRUDA, Aline Alves. A escritora Conceição Evaristo. *Literatura Mineira: 300 anos*. BDMG Cultural. Belo Horizonte: 2019.

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

\_\_\_\_\_. *Teses sobre filosofia da história*. São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, Jacyntho Lins (Org.) *Literatura Mineira: 300 anos*. BDMG Cultural. Belo Horizonte: 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

DUARTE, Constância Lima; PEREIRA, Maria do Rosário A. Escritoras mineiras presente! Anotações críticas. *Literatura Mineira: 300 anos*. BDMG Cultural. Belo Horizonte: 2019.

DUARTE, Eduardo Assis. Falas do negro nas letras de Minas. *Literatura Mineira: 300 anos*. BDMG Cultural. Belo Horizonte: 2019.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edições n-1, 2013.

JAMESON, Frederic 1994: Sobre os 'Estudos de Cultura'. *Novos Estudos Cebrap*, 39, 11-48.

MELO, Tatiana Soledade Delfanti. *A Vila Santa Isabel na Avenida Afonso Pena: A experiência positiva da moradia popular em região central de Belo Horizonte*. 2012. 232 folhas. Dissertação de Mestrado. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. 2010.

## **URBAN PERIMETERS, RACIST PARAMETERS: CONCEIÇÃO EVARISTO IN THE MAP OF BELO HORIZONTE LITERATURE**

**ABSTRACT:** Considering the criterion of diversity, adopted by Jacyntho Lins Brandão when selecting the constitutive articles of the work *Literatura Mineira: Trezentos anos*, the initial objective of this article is to map, within the scope of this selection, a cultural geography of difference, which guaranteed the critical and historical contemplation of peripheral writings, including that of Conceição Evaristo. Different readings, carried out by some articles, of the author's belonging to Minas Gerais literature stand out. Subsequently, the analysis of Evaristo's presence in the volume *Literatura Mineira: Trezentos anos* will be an opportunity to resume the novel *Becos da Memória* (narrative and imagery paratext) and to highlight social barriers and cultural stimuli to the literary literacy of Maria-Nova, narrator-character, in the space of

the *favela*. It is expected to demonstrate that, despite the absence of explicit spatial references, this literacy reveals the systemic incitement of Blacks to the periphery, alluding, at the same time, to the urban and educational separation of *favelados* in the city of Belo Horizonte and the imposed literary segregation to the speeches of these townspeople in the context of Minas Gerais literature. Maria-Nova's awakening to literature, despite the precarious conditions for her literacy, would combine favorable and adverse factors, making the *favela* a heterotopic space, characterized by an opening-closing process.

**KEYWORDS:** Conceição Evaristo, Minas Gerais Literature, Brazilian Literature, Literary Space, Heterotopia.